



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 28/02/2025 e 06/03/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

| | GRÃO SOJA (US\$/bushel) | FARELO SOJA (US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA (cents/libra peso) | TRIGO (US\$/bushel) | MILHO (US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| 28/02/2025 | 10,11 | 291,70 | 43,53 | 5,37 | 4,53 |
| 03/03/2025 | 9,98 | 290,10 | 42,90 | 5,32 | 4,40 |
| 04/03/2025 | 9,84 | 285,90 | 42,27 | 5,18 | 4,36 |
| 05/03/2025 | 9,97 | 293,00 | 42,44 | 5,30 | 4,40 |
| 06/03/2025 | 10,14 | 297,10 | 42,60 | 5,37 | 4,49 |
| Média | 10,01 | 291,56 | 42,75 | 5,31 | 4,44 |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

| SOJA | | |
|---------------------|--------|-----|
| RS – Nonoai | 129,00 | |
| RS – Não Me Toque | 127,00 | |
| PR – Pato Branco | 123,50 | |
| PR – M.C.Rondon | 120,00 | |
| MT – C.N.Parecis | 103,00 | |
| MS – Maracaju | 118,00 | |
| GO - Rio Verde | 112,00 | |
| BA – L.E.Magalhães | 110,00 | |
| MILHO(**) | | |
| Porto de Santos | 72,00 | CIF |
| Porto de Paranaguá | SC | CIF |
| Porto de Rio Grande | SC | |
| RS – Não-Me-Toque | 67,00 | |
| SC – Rio do Sul | 71,00 | |
| PR – M.C.Rondon | 69,00 | |
| PR – Pato Branco | 72,50 | |
| MT – C.N.Parecis | 68,00 | |
| MS – Maracaju | 75,00 | |
| SP – Itapetininga | 87,00 | |
| SP – Campinas | 89,00 | CIF |
| GO – Rio Verde | 69,00 | |
| GO – Jataí | 69,00 | |
| TRIGO (**) | | |
| RS – Nonoai | 71,00 | |
| RS – Não Me Toque | 70,00 | |
| PR – Pato Branco | 77,00 | |
| PR – M.C.Rondon | 77,00 | |

Período: 05/03/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 06/03/2025**

| Produto | milho (saco 60 Kg) | soja (saco 60 Kg) | trigo (saco 60 Kg) |
|---------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| R\$ | 66,91 | 126,95 | 69,36 |

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
06/03/2025**

| Produto | |
|---|----------|
| Arroz em casca (saco 50 Kg) | 90,09 |
| Feijão (saco 60 Kg) | 222,86 |
| Sorgo (saco 60 Kg) | 58,00*** |
| Suíno tipo carne (Kg vivo) | 6,65 |
| Leite (litro) cota-consumo (valor líquido) | 2,59** |
| Boi gordo (Kg vivo)* | 10,88 |

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Janeiro/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, recuaram novamente nesta semana, com o primeiro mês cotado rompendo o piso dos US\$ 10,00/bushel, tendo alcançado US\$ 9,84 no dia 04/03. Posteriormente, o fechamento do dia 06/03 ficou em US\$ 10,14, contra US\$ 10,22 uma semana antes. Já a média de fevereiro fechou em US\$ 10,40/bushel, com aumento de 1,1% sobre janeiro. Em fevereiro/24 a média havia sido de US\$ 11,69/bushel.

O agravamento da guerra comercial que Donald Trump vem realizando contra diferentes países do mundo, a começar pela China, Canadá e México, traz estragos aos preços mundiais da soja. Chicago, olhando o que já ocorreu lá em 2018, receia que a China faça retaliações sobre as compras de soja estadunidense e outros produtos primários procedentes dos EUA. Aliás, Trump acaba de anunciar que os produtos agropecuários importados pelos EUA passarão a ser taxados a partir de abril. Uma possível redução nas compras de soja estadunidense, por parte da China, será desastroso aos produtores norte-americanos, fato que já leva a uma redução nas cotações. Lembrando que o governo estadunidense acrescentou mais 10% de tarifa, aos 10% iniciais, sobre os produtos chineses.

A retaliação dos países atingidos, incluindo já o Brasil na área do aço e do alumínio em especial, causará enorme prejuízo ao comércio mundial. A soja brasileira poderá tirar vantagem, porém, o cenário exige muito cuidado, pois a economia mundial está muito diferente daquela de 2018. No caso brasileiro, temos limitações de logística, com fretes elevados, congestionamento de portos e deficiente sistema de armazenagem, o que encarece nosso produto pós-porteira das propriedades rurais.

Neste momento, a China suspendeu as licenças de importação de soja de três empresas estadunidenses situadas em seu território. Como o Brasil já vende 75% de suas exportações de soja para a China, sobra pouco espaço para o país ganhar de mercado sobre o que deixará de vender os EUA. É um quadro diferente, portanto, daquele que existia em 2018.

Dito isso, os embarques de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 27/02, somaram 695.158 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial os EUA já exportaram 37,6 milhões de toneladas, ou seja, 10% acima do exportado no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, as importações de soja por parte da União Europeia, no ano comercial 2024/25, iniciado em julho na Europa, somaram 9,01 milhões de toneladas em 02/03, com aumento de 9% sobre o mesmo período do ano anterior. Já as importações de colza somaram 4,39 milhões de toneladas no período, com aumento de 10% sobre o ano anterior, enquanto as importações de farelo de soja chegaram a 12,8 milhões de toneladas, com aumento de 29% sobre o ano anterior. Enfim, as importações europeias de óleo de palma chegaram a 1,86 milhão de toneladas, caindo 22% sobre o total comprado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, graças a um câmbio que chegou a R\$ 5,91 em alguns momentos da semana, e a expectativa de prêmios futuros melhores devido a uma possível melhor demanda chinesa, a partir da guerra tarifária provocada pelos EUA, o mercado viu os

preços da soja subirem um pouco. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 126,95/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam com valores entre R\$ 127,00 e R\$ 129,00/saco. No caso gaúcho, a forte quebra da safra, devido à seca, deverá reduzir a produção prevista entre 40% e 50%, havendo regiões com perda total da safra. Isso também vem sustentando os preços locais. Já no restante do país, os preços da soja oscilaram entre R\$ 103,00 e R\$ 123,50/saco junto as principais praças pesquisadas.

Dito isso, a colheita brasileira de soja teria chegado a 48,4% da área total até o início de março, contra 46,6% na média histórica para esta época do ano. Especificamente no Mato Grosso, a colheita bateu em 82,3% da área nesta semana, contra 77,4% na média histórica (cf. Pátria AgroNegócios e Imea).

Hoje, a produção brasileira de soja, computado o grave quadro no Rio Grande do Sul está ao redor de 166 a 168 milhões de toneladas, porém, não se descarta um volume menor. Pelo sim ou pelo não, o mercado espera, diante dos novos números de produção, uma exportação anual de 107 milhões de toneladas, contra 108,5 milhões anteriormente (cf. StoneX).

Especificamente no Paraná, a colheita da soja atingia a 50% da área total de 5,77 milhões de hectares, com uma projeção de produção, agora, em torno de 21,2 milhões de toneladas, contra 22,3 milhões esperadas anteriormente (cf. Deral). E no RS a colheita da soja chegou no final de fevereiro a 1% da área, ficando dentro da média histórica (cf. Emater).

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, também recuaram nestes primeiros dias de março. Depois de o primeiro mês cotado bater em US\$ 4,36/bushel no dia 04/03, o fechamento da quinta-feira (06) foi um pouco melhor, ficando em US\$ 4,49, contra US\$ 4,64/bushel uma semana antes. As cotações deste dia 04 de março foram as mais baixas desde 13 de dezembro passado. Lembrando que a média do mês de fevereiro ficou em US\$ 4,87/bushel, o que significou um aumento de 2,5% sobre a média de janeiro. Em fevereiro/24 a média havia sido de US\$ 4,23/bushel.

Dito isso, os EUA exportaram, na semana encerrada em 27/02, a quantidade de 1,35 milhão de toneladas de milho, ficando o volume próximo ao patamar superior esperado pelo mercado. Assim, no total do atual ano comercial, o volume soma 27,3 milhões de toneladas já exportadas, o que representa um aumento de 32% sobre o mesmo período do ano anterior.

E aqui no Brasil, o quadro de preços é diferente. O mercado é altista diante de uma safra um pouco menor do que o esperado e também diante de estoques bastante baixos. Por sua vez, a demanda segue firme. No encerramento de fevereiro, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (base Campinas – SP) já operava na casa dos R\$ 87,00/saco de 60 quilos (cf. Cepea). Já a média gaúcha fechou a semana em R\$ 66,91/saco, destacando que a seca no RS atingiu bem menos o milho na comparação com a soja, pois o cereal foi colhido bem mais cedo. No final de fevereiro a colheita gaúcha chegava a 64% da área total, ficando exatamente na média histórica para o

Estado. No restante do país, os preços giraram entre R\$ 68,00 e R\$ 87,00/saco nas principais praças.

Em relação aos estoques nacionais de milho, segundo a Conab, nem mesmo o avanço da colheita da safra verão tem elevado a disponibilidade interna. De acordo com o órgão público, o estoque de passagem, no final de janeiro de 2025, foi de apenas 2,1 milhões de toneladas, 70% inferior ao do ano anterior, quando era de 7,2 milhões de toneladas.

Espera-se uma colheita de 26,5 milhões de toneladas de milho na atual safra de verão, contra estimativas iniciais entre 28 e 29 milhões. O número atual é ainda um pouco melhor porque o Paraná apresenta boa produtividade, assim como em grande parte das lavouras catarinenses e gaúchas. Afinal, na safra gaúcha de milho, em sendo semeada mais cedo, a seca não resultou em muitos prejuízos, comparando-a com a soja. Já a segunda safra nacional de milho, se o clima deixar, está estimada em 102,1 milhões de toneladas. Somando-se a terceira safra, o país poderá chegar, assim, a um total de 130 milhões de toneladas produzidas de milho em 2024/25 (cf. StoneX).

Neste início de março, o plantio da safrinha teria alcançado 80% da área esperada no Centro-Sul brasileiro. Já o milho de verão estava colhido em 46% da área na região na mesma oportunidade (cf. AgRural). Especificamente, no Mato Grosso, o plantio do milho atingia a 85% da área, contra a média de 84% (cf. Imea).

E no Paraná, como já destacado, a colheita de verão avança bem, com a produtividade média atingindo a 10.400 quilos/hectare, devendo levar a produção local a 2,8 milhões de toneladas em milho verão. Isso representa 11% acima do obtido no ano anterior. Já o plantio da segunda safra local, atingia a 65% da área neste início de março, com a produção estimada ficando em 15,9 milhões de toneladas. Em isso se confirmando, o Paraná poderá colher um total de 18,7 milhões de toneladas de milho em 2024/25 (cf. Deral).

E no Mato Grosso do Sul, outro estado fortemente atingido pela seca, onde o nível de chuvas é o menor em 20 anos para o primeiro bimestre do ano, a colheita de milho safrinha está estimada em 11,8 milhões de toneladas. Lembrando que este estado é o terceiro produtor nacional da segunda safra do cereal (cf. Conab). É bom destacar que a seca já começa a atingir Goiás, Minas Gerais e parte de São Paulo.

Enfim, as exportações brasileiras de milho, em janeiro, chegaram a 3,6 milhões de toneladas, contra 4,8 milhões em janeiro de 2024. O porto de Santos (SP) escoou 45% deste milho, seguido pelos portos do chamado Arco Norte (região Norte do país), com 31,3% do total mensal, São Francisco do Sul (SC) com 15,6% e Paranaguá (PR) com 6%.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, igualmente recuaram neste início de março. O primeiro mês cotado chegou a bater em US\$ 5,18/bushel no dia 04/03, a mais baixa cotação desde o final de agosto de 2024. Posteriormente, o mercado se recuperou um pouco, com o fechamento da quinta-feira (06) ficando em US\$ 5,37, contra US\$

5,46/bushel uma semana antes. A média de fevereiro fechou em US\$ 5,77, o que representou um aumento de 5,9% sobre janeiro. Já a média de fevereiro do ano passado havia sido de US\$ 5,85/bushel.

Enquanto isso, os embarques estadunidenses de trigo atingiram a 389.593 toneladas na semana encerrada em 27/02. Esse volume ficou dentro das expectativas do mercado. Com isso, o total já embarcado pelos EUA, no atual ano comercial, iniciado em junho/24, alcança 15,6 milhões de toneladas, volume 20% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Dito isso, na China a produção de trigo, neste ano, deverá ser importante, o que reduziria suas importações do cereal. O trigo de inverno, o mais significativo, é semeado em outubro e colhido por volta de junho naquele país. A China é um dos maiores importadores de trigo do mundo, porém, no último ano, diante de uma produção de 140,1 milhões de toneladas, reduziu suas compras. Algo que deve se repetir em 2025. No ano passado, o país asiático importou 11,2 milhões de toneladas do cereal. Por sua vez, assim como vem se notando na soja e no milho, a demanda por farinha e ingredientes alimentícios oriundos do trigo, na China, estagnou devido a mudanças demográficas. Desta forma, o excedente de trigo será absorvido pelo setor de rações e pelas compras do governo. Lembrando que, nesta semana, a China retaliou as novas tarifas comerciais dos EUA, anunciando aumentos de impostos que abrangem cerca de US\$ 21 bilhões em produtos agrícolas (cf. Cofco International).

E aqui no Brasil, os preços, para o produto de qualidade superior, se mantêm firmes. A média gaúcha registrou R\$ 69,36/saco, enquanto as principais praças locais ficaram entre R\$ 70,00 e R\$ 71,00. Já no Paraná, o valor atingiu a R\$ 77,00/saco junto às principais regiões produtoras.

Assim, nas principais regiões do país, o preço do trigo voltou aos patamares de setembro de 2024. Diante disso, os vendedores se afastam do mercado esperando ainda melhores preços (cf. Cepea).

Destaque, ainda, para o fato de que no início de março começa o período indicado para o plantio do trigo de segunda safra ou de sequeiro no Cerrado do Brasil Central. Este trigo é cultivado após a colheita da soja e sem irrigação, aproveitando o final da estação chuvosa. A cultura tem chamado a atenção dos produtores, seja pelos benefícios conferidos ao sistema de produção, seja pela rentabilidade que ela pode proporcionar, conforme as cotações do mercado. Estima-se que, na atual safra, devam ser semeados cerca de 200.000 a 250.000 hectares do cereal na região, com crescimento de 5% a 10% na área plantada em relação à safra anterior. Em Goiás, a estimativa é de que o aumento seja ainda maior, podendo chegar a 15%. A colheita do trigo safrinha é realizada no período seco, entre os meses de junho e julho, o que tem garantido um produto de excelente qualidade de grãos e livre das micotoxinas, que costumam afetar lavouras do Sul do País em anos de muita chuva na colheita, como a giberela (cf. Embrapa).

Enfim, em seu último levantamento, a Conab estima a futura área de trigo no país (ano 2025) ao redor de 3 milhões de hectares, sendo 1,3 milhão no Rio Grande do Sul. Em clima normal, a produção final, para 2025, é esperada em 9,1 milhões de toneladas, sendo 4,1 milhões no Rio Grande do Sul e 3,3 milhões no Paraná. Com isso, os dois

principais estados produtores produziram cerca de 81% da safra total brasileira do cereal.